

IMPrensa LIBERTÁRIA: PALAVRAS E IMAGENS QUE FAZEM SONHAR

Angela Maria Roberti Martins
(Doutoranda / PUC-SP) *

Apresentação

O presente trabalho, convergente com as aproximações entre história e imagem, pretende refletir sobre a dimensão política da imprensa libertária, vista, a um só tempo, como espaço privilegiado de crítica social e de projeção de um ideal.¹ O que me proponho, na verdade, é refletir sobre a dimensão política da imprensa libertária a partir das representações da revolução social explicitadas nas palavras e imagens presentes n'A *Plebe*, em sua edição comemorativa de 01/05/1919.²

Palavras e imagens

(...) Revolução é a completa posse do povo de toda a riqueza social e a abolição de todas as autoridades que paralisam e contêm o desenvolvimento da humanidade. (...) A mudança econômica que tem de resultar da Revolução Social será tamanha e profunda, alterará as relações baseadas na propriedade. (...) Para nós, que entendemos que os momentos são precisos para dar à classe capitalista um golpe mortal, que não se fará esperar o dia em que o povo ponha a mão sobre toda a riqueza social reduzindo a classe exploradora à impotência... votamo-nos de corpo e alma à Revolução Social. (...) Basta pois de governos, passagem livre ao povo, passagem franca à Anarquia!³

* Esse estudo integra um projeto mais amplo que venho desenvolvendo para doutoramento em História na PUC-SP, sobre as manifestações imagéticas libertárias, com apoio da CAPES.

¹ Por dimensão política entendo a crítica contundente ao presente, a contestação da realidade existente, a intenção de destruir a sociedade vigente, bem como a colocação de um ideal, a exposição de uma visão de mundo, a construção mental de um mundo alternativo, enfim, a enunciação de uma sociedade outra fundada em um arranjo em que o homem tem autonomia para intervir no seu cotidiano. Afinal o anarquismo é uma proposta, antes de tudo, revolucionária.

² A *Plebe* foi fundada por Edgard Leuenroth - tipógrafo, jornalista e militante anarquista – que participou ativamente da greve geral de 1917 em São Paulo, em julho deste mesmo ano. O periódico teve grande penetração nos meios libertário e operário, com periodicidade diária até 1919. Apesar de todas as dificuldades (baixas tiragens, escassez de recursos, prisões e empastelamentos), sobreviveu até 1935, reabrindo logo depois do fim do Estado Novo, em 1947.

³ KROPOTKIN, Pyotr. Que entendemos por revolução? *A Plebe*, São Paulo, 31 julho 1919. p. 2.

Essas palavras de Kropotkin publicadas n'A *Plebe* em 31/07/1919, são um canto à vida e à capacidade do homem em transformá-la.⁴ Trazem uma dose de energia e um alento, que não deriva em passividade, pois alimenta a esperança, eterna rebeldia que rejeita o conformismo e transporta o *sonho*, aqui concebido como a idéia dominante perseguida com interesse e paixão.

Possuindo uma leitura do social, marcada pela oposição entre capital e trabalho, entre exploradores e explorados, os anarquistas defendiam e difundiam a chegada de novos tempos para todos os segmentos excluídos. Para muitos, a revolução social estava prestes a se realizar, constituindo-se no verdadeiro passaporte para o um mundo outro, identificado pela igualdade, pela liberdade, pela abundância, pela ausência de sofrimento. Enfim, pela felicidade própria do jardim do Éden perdido.

Liberdade, igualdade e solidariedade eram aspirações que embalavam o sonho libertário que se expandia no eixo Rio-São Paulo nas primeiras décadas republicanas, em especial na conjuntura que se estendeu de 1917/18 a 1920/21, considerada a fase mais ativa do movimento, com os anarquistas nas ruas lançando mão de diferentes práticas como instrumentos de luta social.⁵

O tema da revolução social, a cena da destruição do mundo capitalista-burguês, a mensagem da vitória da Anarquia ganharam as páginas dos periódicos libertários de maneira mais permanente, expressiva e impactante no ano de 1919, como desdobramento das circunstâncias históricas imediatas que se desenrolavam no contexto internacional: a “paz” de Versalhes, a guerra civil na Rússia. Começava, então, uma época de efervescência político-ideológica mais aguda e explícita, que se manifestava tanto no plano concreto, através de discursos agressivos e ações violentas, quanto no plano simbólico, por

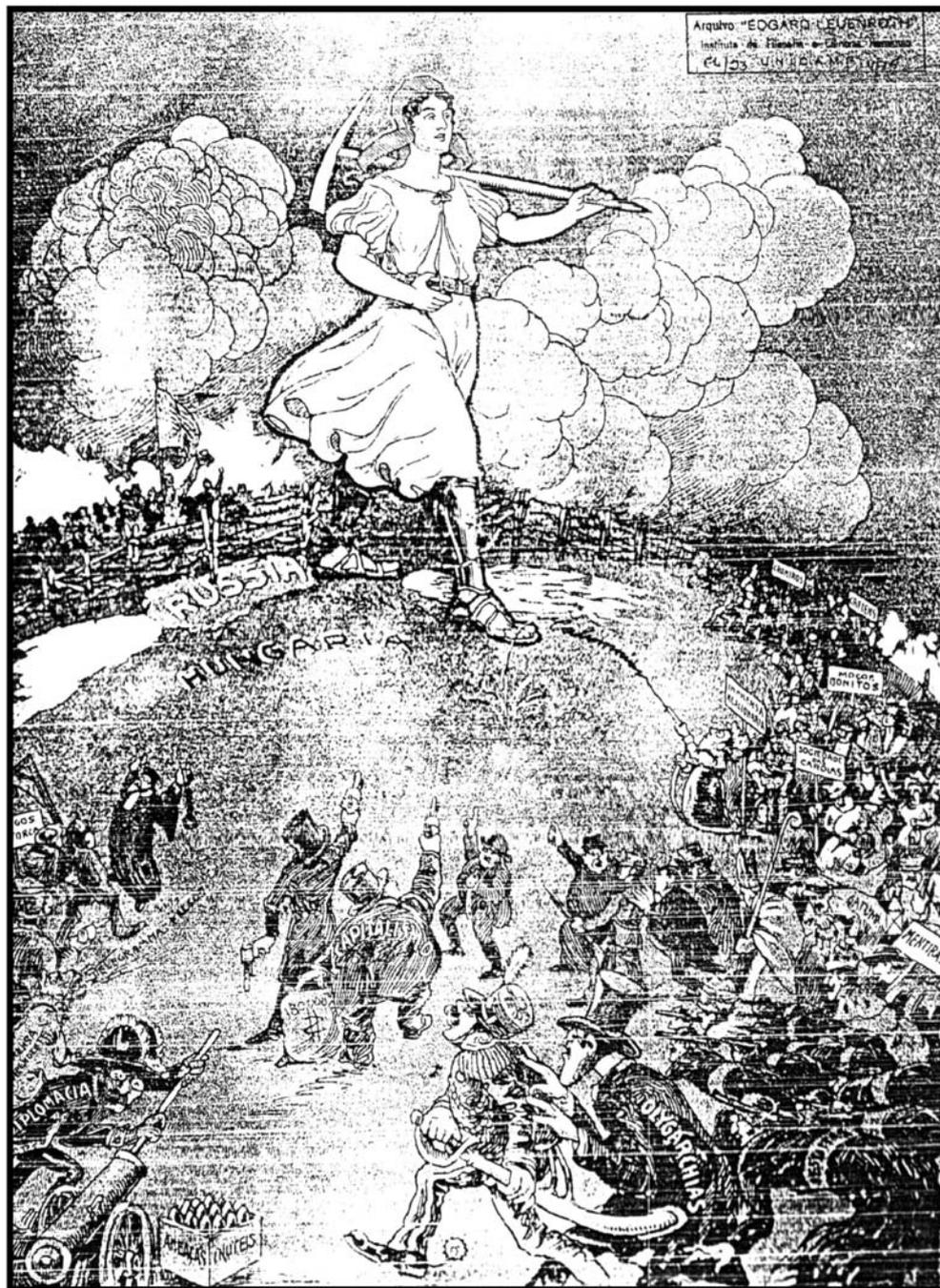
⁴ Pyotr Kropotkin pertencia a uma família nobre e tradicional de Moscou. Desde jovem dedicou-se à geografia e mais tarde à pesquisa científica. Foi, no entanto, como anarquista que se notabilizou e entrou para a história. Foi o idealizador do anarco-comunismo ou comunismo libertário. Nasceu em 1842 e faleceu em 1921.

⁵ MENEZES, Lená M. de. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. p. 93-102.

intermédio de uma verdadeira enxurrada de imagens figuradas ou não nas quais se projetava a revolução enquanto desejo ideado, a ser realizado a partir da contestação ao capitalismo e à ordem burguesa, simbolizando, a um só tempo, o desespero e a esperança de explorados e oprimidos.

Nas páginas dos periódicos libertários, a combinação da linguagem verbal com a linguagem visual adquiria, portanto, maior valor e poder como instrumento de propaganda dos princípios libertários, em geral e da revolução social, em particular, considerando, inclusive, o índice de analfabetos e semi-alfabetizados entre os receptores dessas informações.

Foi assim, por exemplo, que a edição d'*A Plebe* de 01/05/1919 conjugou palavras e imagem que certamente faziam sonhar o leitor/observador que desejava o fim da exploração e da opressão do homem sobre o homem. Uma gravura representando a Revolução de Outubro de 1917 foi publicada na primeira página. Veja como a gravura veio a público:



A Revolução Social em marcha contra os seus inimigos

Essa gravura apresenta uma combinação de realismo, alegoria e símbolo. Trata-se de um acontecimento inscrito na história: a ação dos operários, dos soldados e dos camponeses que realizaram a revolução russa de outubro de 1917. Mas a gravura não representa o fato em si; exprime visualmente seu significado moral: a salvação pela revolução. A figura principal, a mulher/revolução social, é uma figura idealizada que carrega no ombro esquerdo, em vez da espada simbólica ou do fuzil de ordenança, a picareta,

instrumento de trabalho por excelência. Trajando um vestido simples de manga curta, na altura dos joelhos, com os cabelos presos sob uma espécie de touca, no lugar do barrete frígio e nos pés a sandália baixa de tiras, ela é a síntese dos explorados e oprimidos anônimos que fizeram a revolução na Rússia.

A ambientação é precisa: a mulher-revolução caminha a passos “gigantescos e seguros”, na direção da Europa ocidental, mais especificamente, saindo da Rússia e penetrando a Hungria, em uma clara manifestação das expectativas que se tinha na difusão da revolução a partir do “outubro vermelho”. A cortina de fumaça ao fundo da imagem contribui para a composição de uma atmosfera ameaçadora gerada pela força revolucionária. A hierarquia das imagens, isto é, o contraste entre a dimensão em que foi desenhada a mulher-revolução e a dimensão em que aparecem os “seus inimigos” revela a crença no poder da via revolucionária como a única alternativa para aniquilar o mundo burguês-capitalista, especialmente naquele contexto de equilíbrios perdidos após a Grande Guerra.

A imagem oferece uma mulher-revolução com capacidade para se impor: o tronco, a cabeça, os braços, as pernas dessa figura, delineados em proporção gigantesca, se projetam na direção do leitor/observador, exprimindo, ao mesmo tempo, resolução e confiança, de modo a orientar o olhar no sentido de ver e acreditar. De postura ereta, o olhar altivo, e expressão facial serena, determinada e imperturbável, a mulher desenhada “representa a força concentrada do povo invencível”, conforme observa o historiador E. Hobsbawm no estudo que fez sobre homem e mulher nas imagens da esquerda.⁶

Embora a mulher-revolução seja o ponto mais claro, aquele que atrai imediatamente o olhar do leitor/observador, é no primeiro plano da gravura que se encontram os maiores inimigos do povo, segundo os libertários: capitalistas, clérigos, militares, representando,

⁶HOBBSAWM, Eric J. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 2000. Op. cit. p. 126.

respectivamente, o capital-Estado, a religião e o militarismo, forças físicas e simbólicas que oprimiam e exploravam os “deserdados do sistema”.⁷

Na posição central inferior da gravura aparece a representação habitual do capitalista na *Belle Époque*: homem gordo usando cartola. Na cena proposta, ele está apontando, com a mão direita, uma arma para a mulher-revolução, enquanto que com a esquerda segura um saco repleto de dinheiro. Como observa E. Hobsbawm, ainda que nas caricaturas socialistas dessa época os capitalistas fossem representados como homens gordos, portando cartolas e também charutos, isso não significa que esses atributos correspondessem à realidade, mas que reforçavam e singularizavam um tipo particular de riqueza na sociedade burguesa.

8

Observa-se na gravura em questão, duas multidões, com diferentes significados em relação ao conjunto da imagem. Uma delas, no canto esquerdo superior, sem identidade visível, mas presumível, nos passos da mulher-revolução, celebra, com os braços erguidos, o triunfo da vitória. A outra, assustada, na defensiva, prepara-se para enfrentar de todas as formas a revolução que ameaça destruir suas riquezas e privilégios. Alguns membros deste grupo são identificados por palavras como: capitalismo, oligarquias, jesuítas, diplomacia, gatuno, cáftens, imprensa reacionária, sociedade das carolas.

Associando palavras e imagem, a gravura reforça sua mensagem política direta e explícita com a seguinte legenda: “A Revolução Social em marcha contra os seus inimigos”. Tal argumento faz parte do contexto dramático que se desenrolava à época e pode ser melhor observado quando se percebe a relação entre palavras e imagens nesta edição d’*A Plebe* do dia 1º de maio de 1919. O artigo do “Comité” *Promotor da Comemoração* intitulado *Primeiro de Maio: Pela Paz e Pela Justiça*, publicado na página quatro, dirigido aos *trabalhadores em geral*, trazia informações preciosas sobre os acontecimentos na Europa e

⁷ LITVAK, Lily. *Musa libertaria: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)*. Barcelona: Antoni Bosch, editor, 1981. p. 64.

⁸ HOBSBAWM, Eric J. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 2000. p. 124.

os exortava à “greve geral por 24 horas...como demonstração de força da classe operária que se prepara para tomar a direção das sociedades humanas”. O “Comitê” escreveu:

(...) Felizmente, ao lado dos comunistas da Rússia e da Hungria ... sopra um vento forte de transformação social que ninguém poderá deter e que já envolve o mundo proletário e popular numa atmosfera de quente entusiasmo, de vibrante expectativa, de arrebatadora esperança. ... os governantes de todos os países se preparam... para esmagarem a Revolução... que ameaça estender-se universalmente. Contra essa pretensão é que devemos protestar veementemente, energicamente. (...) ⁹

O discurso pró-revolucionário do *Comité* recorre ao sentido figurado, apropriando-se de metáforas relacionadas às reações implacáveis da natureza, como, por exemplo, o “vento forte”, para conseguir um poder maior de persuasão.¹⁰ Além disso, os recursos retóricos possibilitavam influir na parte subjetiva do leitor/observador no sentido de atingir suas emoções, facilitando o acesso ao imaginário e atuando na construção de representações diversas. A metáfora do “vento forte” prenunciando “transformação social” confere ao texto, sem dúvida alguma, maior ênfase na argumentação e no convencimento. Em parte, a imagem do vento forte remetia ao próprio anseio de liberdade e à possibilidade de concretização da mudança a partir da Revolução de Outubro.

Os horizontes abertos, segundo o *Comité*, pelo “mundo proletário e popular” deveriam ser saudados e seguidos pelos companheiros no Brasil, já que aqui “existem os mesmos motivos de queixas para os trabalhadores em geral, pois que em toda a parte somos vexados, explorados, vilipendiados pelo parasitismo burguês e capitalístico”, portanto, era necessário acreditar que:

(...) Não vem longe o dia da grande derrocada burguesa. E, se a quereis apressar, fortificai-vos em vossas organizações operárias e grupos sociais, estudai, lutai, ...tomai consciência de vossa força... e da necessidade da transformação social que se aproxima. ¹¹

⁹ COMITÊ PROMOTOR DA COMEMORAÇÃO. Primeiro de Maio. *A Plebe*, São Paulo, 1 maio 1919. p. 4.

¹⁰ A metáfora é um recurso normalmente usado para conferir melhor qualidade ao texto. Serve também para influir na parte subjetiva do leitor.

¹¹ Id. Ibid. p. 4.

Como se trata de uma edição comemorativa do dia primeiro de maio, “velha data proletária”, o periódico lançou mão de um outro artigo com o mesmo conteúdo e objetivo. Publicado ao lado esquerdo do artigo do Comitê, o texto intitulado *Ao Crescer da Maré* também joga com metáforas na sua linguagem verbal pró-revolucionária, mostrando, inclusive, uma ligação mais próxima com a gravura da mulher-revolução:¹²

(...) Caminhamos a passos gigantescos para a realização cativante do que ainda, há uma vigésima parte de um século, se mostrava uma utopia de alguns audazes sonhadores. Arde a Revolução, intensa e crepitante Rússia em fora... (...) Já os seus ecos se fizeram ouvir por quase toda essa sedutora América e um frêmito ansioso já despontou nos seios dos “escravos brancos”. Presente-se o gigantesco e seguro caminhar da Revolução. É por isso que pretendem deter-lhe a marcha fulminante... Tudo o que engendram, ... não passará de irrisórios diques de papelão a deter inutilmente a onda caudalosa que cresce, que se anima dia a dia, hora a hora, de vigor potente, para [ilegível] em breve, em dia que não vem longe e cuja aurora já clareia. (...).¹³

O uso de metáforas relacionadas aos elementos da natureza como, por exemplo, “arde a revolução intensa e crepitante” ou “a onda caudalosa” são recursos retóricos que ativam o imaginário, facilitando a formação de imagens visuais, verbais e, em última instância, imagens mentais que incorporam símbolos e atuam no campo das representações, de modo a tornar mais eficiente a comunicação com o leitor/observador. A imagem do fogo tem um forte apelo por sua associação a várias idéias simbólicas presentes em algumas narrativas bíblicas, em cultos diversos e até mesmo nos costumes. O fogo tem poderes criadores e destruidores da vida, no sentido de que através da queima são eliminadas todas as impurezas e sua chama em movimento representa a vida, ou melhor, a luz da vida. Neste caso, a vida que se renova das chamas é associada ao fim do capitalismo pela violência inerente à Revolução Social.

¹² SALVATERRA, Ricardino. Ao crescer da maré. *A Plebe*, São Paulo, 1 maio 1919. p. 4.

¹³ Ao Crescer da Maré. *A Plebe*, São Paulo, 1 maio 1919. p. 4.

Já a metáfora da “onda caudalosa”, segundo a historiadora Lená Menezes, em estudo sobre a Revolução de Outubro no plano das representações, “foi a mais expressiva, permanente e de maior impacto”, traduzindo, como nenhuma outra, “a idéia de um processo revolucionário em marcha a se levantar sobre o ocidente”.¹⁴ A representação da “onda caudalosa” também possui forte apelo quando a água é equiparada ao caos, em uma revisitação da ruína trazida com a passagem bíblica do Dilúvio punidor. Mas, o Dilúvio não trouxe apenas o caos, também conduziu a arca de Noé para uma nova vida e, nesse sentido, a água representa a origem de todas as coisas, no caso, o começo da sociedade libertária.¹⁵

Para os libertários, o uso dessas metáforas ligadas às forças sinistras e poderosas da água e do fogo, embora aparentemente contraditórias no texto em questão, remetia tanto a ação purificadora desses elementos, a qual é uma condição para o renascimento, quanto à sua força criadora e vivificante. É nesse sentido que a revolução encerra, segundo Bakunin, não só a destruição do Estado, do capitalismo, da exploração e da opressão, mas, principalmente, a criação de um novo homem e de um novo tempo.¹⁶ Tempo que insere o homem no mundo das possibilidades, dimensionado pelo fim da propriedade privada e negação de toda a autoridade, pela construção da igualdade e conquista da liberdade, aspirações plenamente realizáveis já que, para os libertários, dependiam unicamente do homem, ser criativo e criador por excelência.

¹⁴ MENEZES, Lená Medeiros de. *Tramas do mal. A Revolução de Outubro no plano das representações*. Rio de Janeiro: UERJ, 2000. Tese para Professor Titular. (MIMEO).

¹⁵ A água é equiparada ao caos e à matéria primeva por não possuir forma; em Thales de Mileto ela é a origem de todas as coisas. Sobre o assunto, consultar LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 6-7.

¹⁶ Mikhail Bakunin nasceu em 1814 no interior de uma rica família de proprietários de terra na Rússia. Foi leitor de Hegel e Fichte e, em 1843, sob a influência de Proudhon, tornou-se um revolucionário. Participou de inúmeras rebeliões, sendo preso diversas vezes, sempre conseguindo fugir. Desenvolveu uma série de teorias anarquistas sistematizadas em uma obra vigorosa, porém, mal organizada. Na Primeira Internacional, liderou o grupo que se opunha a Marx. Seu forte não eram as palavras, mas as ações; sendo, por isso, considerado fundador do movimento anarquista histórico. Sobre a revolução dizia: ‘deixem-nos por a nossa fé no espírito eterno que destrói e aniquila somente porque é a insondável e eterna fonte criativa de toda a vida. A ânsia de destruir é também uma ânsia de criar’. Faleceu em 1876.

Embalados pelos ecos da Revolução de Outubro, que à época ainda animavam os libertários em geral, os articulistas desta edição d'*A Plebe* conjugaram palavras e imagens em uma intenção clara de mobilizar todas as energias do leitor/observador no sentido de encorajar a luta revolucionária, pois a retórica empregada atinge as emoções e estimula atitudes em direção a uma vitória dada como certa. Palavras e imagens oferecem, em seu conjunto, um ideal da realidade pela qual os libertários lutavam, colocando a esperança de uma vida sem exploração no futuro próximo, onde haveria de emergir um mundo novo, a Anarquia, lugar aprazível, de fartura, de felicidade e de ausência de exploração do homem sobre o homem, a partir da revolução, considerada a única alternativa de transformação.

A integração entre palavras e imagens mostra-se, dessa forma, eficiente no registro da expectativa, da esperança, do sonho enfim. E como é legítimo sonhar, os libertários redimensionaram pela ideologia a pulsão desejante, procurando sensibilizar o leitor/observador para ação revolucionária capaz de libertá-lo da sua infelicidade e, ao mesmo tempo, de abrir uma perspectiva positiva em relação ao futuro: a Anarquia, verdadeiro Paraíso na Terra.